



## **TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS NO BRASIL E NO PARAGUAI: memórias de retornados estabelecidos na fronteira**

### **MIGRATORY TRAJECTORIES IN BRAZIL AND PARAGUAY: memories of returnees settled on the border**

**Vanucia Gnoatto** – UPF – Barra Funda – Rio Grande do Sul – Brasil  
[vanuciagnoatto@gmail.com](mailto:vanuciagnoatto@gmail.com)

#### **RESUMO**

O presente artigo analisa as memórias de trajetórias migratórias de retornados do Paraguai, considerando as migrações realizadas por estes em estados do Brasil, em distritos (municípios) de diferentes departamentos (estados) do Paraguai e retorno ao Brasil para a região de fronteira. Essa emigração é compreendida dentro de um contexto de expulsão do país de origem e de atração no país de destino, e de atração para o país de origem. O método empregado é a história oral, na modalidade de história oral de vida, realizada em pesquisa de campo durante o mês de maio de 2022, em Santa Terezinha de Itaipu, município fronteiro do estado paraense. Em um primeiro momento, analisamos o contexto geohistórico que levou às migrações internas e à emigração ao Paraguai dos entrevistados. Em um segundo momento, avaliamos os retornos dentro das trajetórias analisadas. Como resultado, identificou-se como a migração e o trabalho estão articulados na trajetória do casal e como a presença de redes familiares articulam os deslocamentos e se solidarizam no estabelecimento. Considera-se, também, como a fronteira possibilita, após o retorno, a manutenção de vínculos econômicos e afetivos transnacionais e transfronteiriços com o antigo país de destino pela proximidade e, por outro lado, o acesso aos direitos no país de origem.

**Palavras-chave:** Migração. Fronteira. Brasil. Paraguai. Retorno.

#### **ABSTRACT**

This article analyzes the memories of the migratory journeys of the returnees from Paraguay, considering the migrations carried out by them in states of Brazil, in districts (municipalities) of different departments (states) of Paraguay and return to Brazil to the frontier region. This emigration is understood within a context of expulsion from the country of origin and attraction in the country of destination, and attraction to the country of origin. The method used is oral history, in the form of oral life history, carried out in field research during the month of May 2022, in Santa Terezinha de Itaipu, border municipality of the state of Pará. In the first place, we analyze the geohistorical context that motivated the internal migrations and emigration to Paraguay of the interviewees. In a second moment, we evaluated the returns within the analyzed sectors. As a result, it was identified how migration and work are articulated in the pair's trajectory and how the presence of family networks articulates displacement and solidarity in the establishment. It is also considered how the border allows, after the return, the maintenance of transnational and cross-border

---

economic and affective links with the former country of destination by proximity and, on the other hand, access to rights in the country of origin.

**Keywords:** Migration. Border. Brazil. Paraguay. Return.

---

## INTRODUÇÃO

*“Eu vim sem conhecer.  
Eu vim de mala e cuia”*  
(Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, 11/05/2022).

*“Eu sempre tinha vontade  
de voltar para o Brasil”*  
(Ana, Santa Terezinha de Itaipu, 11/05/2022).

O presente trabalho analisa as memórias das trajetórias migratórias de Pedro e de Ana, um casal de brasileiros retornados do Paraguai que se estabeleceram em região de fronteira entre Paraguai e Brasil. Os perfis dos retornados retratam a provisoriedade dos processos migratórios, a constante mobilidade pela falta de perspectivas, a busca por oportunidades no país vizinho e, também, a busca por oportunidade com o retorno em uma região de fronteira que, por sua vez, possibilita a manutenção de vínculos econômicos e afetivos transnacionais e transfronteiriços com o antigo país de destino, pela proximidade e existência de uma rede familiar.

Trata-se de um estudo de história oral, na modalidade de história oral de vida, realizado com entrevistados<sup>1</sup> residentes em Santa Terezinha de Itaipu, PR. As duas entrevistas se inserem dentro de uma pesquisa maior sobre o retorno de brasileiros do Paraguai. Ambas as entrevistas ocorreram no local de trabalho do casal, em um parque aquático em Santa Terezinha de Itaipu, no mês de maio de 2022, a apenas dois meses do retorno destes ao Brasil, realizado em março de 2022.

Como o estudo se centra em análise de trajetórias, a compreensão dessa categoria se torna fundamental. Na trajetória, não se tem a obrigação de “abordar toda a vida do sujeito; antes, procura as análises num período determinado” (KARSBURG, 2015, p. 34). No nosso caso, procuramos, por meio da história oral de vida, focar em informações de toda vida dos entrevistados, tendo o enfoque nos deslocamentos realizados por esses. Ainda, “a trajetória singular, por mais que revele o protagonismo

---

<sup>1</sup> Optamos pela utilização de nomes fictícios a fim de preservar a identidade de nossos entrevistados.

dos sujeitos, só faz sentido se confrontada a outras trajetórias, preferencialmente de indivíduos do mesmo tempo e espaço e colocados no mesmo horizonte dos possíveis” (KARSBURG, 2015, p. 39). Sendo assim, o trabalho estará centrado na história de Pedro e Ana<sup>2</sup>.

Ao longo do artigo, analisamos fragmentos das duas entrevistas, nas quais percebemos, através da memória do casal, distintos olhares e aspectos levantados pelas mesmas migrações vivenciadas, em sua grande maioria, juntos. Memórias distintas, mas que se complementam ajudando a compreender o percurso do casal nos dois países, que denotam também o quanto a memória é algo que se constrói através das relações sociais. Para Menezes (1992, p. 22), como construção social, a memória “é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional”. O autor acrescenta que “a memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para a classificação e para o intercâmbio social” (1992, p. 22).

A fim de situar o nosso leitor (a), quanto ao município de Santa Terezinha de Itaipu, PR, local de residência de nossos entrevistados, este é destacado, no mapa abaixo, com uma seta azul (Figura 1).

**Figura 1:** Mapa de localização dos municípios lindeiros do oeste do Paraná



Adaptado por: Alison Wagner, 2019.

<sup>2</sup> A escolha dos nomes é intencional, pois fazem referência ao casal Pedro e Ana do livro “O tempo e o vento” de Érico Veríssimo, cuja estória é contada no tomo O continente. Com trajetórias distintas, além de serem reais e ficção, mas que possuem em comum um certo vínculo com a terra.

---

O município pertence a uma fronteira em que a migração e a mobilidade são intensas e múltiplas. Esta migração transfronteiriça apresenta suas especificidades. Deste modo, ocorrem várias mobilidades e circulações de pessoas ao longo dos territórios fronteiriços que levam a “novas reflexões sobre a polissemia de sentido do termo ‘fronteira’” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 138). Nessa zona fronteiriça, acontecem emigrações para e retornos do Paraguai, migrações temporárias e circularidades entre os dois países, mobilidades ligadas a atividades econômicas legais ou ilegais e, também, de diferentes grupos étnicos que se deslocam.

Para nossos entrevistados, a fronteira assume o sentido de busca por oportunidades de trabalho, como a ida ao Paraguai e volta para o Brasil, bem como manutenção de vínculos econômicos e afetivos com os filhos e suas famílias, pela proximidade e espaço de negociação em ambos os espaços. A fronteira se apresenta nas histórias dos entrevistados, ainda mais no retorno como um trunfo pelo ir e vir entre o país de origem e destino.

Tanto as migrações internas quanto a emigração ao Paraguai e o retorno de Ana e Pedro, possuem como motivação a busca pelo trabalho. Quanto à relação entre migração e trabalho, Sayad (1998, p. 56) defende que é o trabalho que “fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; e é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta a sua negação ou que empurra para o não-ser”. Evidencia-se que o trabalho torna o homem e a mulher sujeitos de sua própria história e que quando se torna escasso ou é pouco valorizado, leva ao surgimento do emigrante.

E na emigração ao Paraguai, o ímã propulsor atrelado ao trabalho é o acesso à propriedade da terra ou ao trabalho no campo, possibilitando continuar sendo agricultor ou continuar exercendo as mesmas funções que desempenhava no país de origem, isto é, atividades ligadas à terra. Além disso, toda imigração de trabalho contém o germe da imigração de povoamento que a prolongará; sendo que, inversamente, pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento que não tenha começado como uma imigração de trabalho (SAYAD, 1998).

---

Na medida em que o tempo passa, os imigrantes descobrem que a economia capitalista e seus efeitos de transferência de um campo econômico, como da agricultura para a indústria, de uma civilização para outra ou de um continente para outro, foram os fatores que conduziram e determinaram a sua permanência na condição de imigrantes (SAYAD, 1998). Ou seja, não foram apenas escolhas individuais e livres que os levaram a migrarem, mas todo um contexto que impossibilitou e que influenciou na decisão de não permanecerem em sua terra de origem.

Quanto ao retorno, segundo Durand (2006), a decisão de retornar é uma resolução semelhante à que acontece no momento da partida. Por outro lado, o fenômeno do retorno relaciona-se com o que acontece com o migrante durante sua estadia e com as mudanças que ocorrem no contexto internacional dos países de origem e destino. Nesse sentido, algumas das explicações que foram oferecidas para ilustrar as causas e as permanências da mobilidade podem esclarecer, no sentido inverso, o porquê alguns migrantes optam por retornar. Porém, ao mesmo tempo, não se pode transpor mecanicamente as teorias no sentido inverso, pois o retorno tem especificidades que obrigam a repensar teoricamente o fenômeno (DURAND, 2006).

No caso do retorno para o Brasil, analisado a seguir, podemos perceber que o processo que levou à tomada de decisão pelo retorno, foi algo muito complexo do que a decisão de partida para o Paraguai. Tal aspecto se deu, principalmente, devido aos vínculos afetivos e econômicos que estes possuíam com o país de destino, à condição desses imigrantes com mais idade, pela necessidade de se inserirem no mercado de trabalho para proverem o seu sustento, somando-se, também, a um papel ativo da mulher nas tomadas de decisão.

Tanto na ida como na permanência e na volta destes imigrantes, é importante ressaltar o papel das redes sociais, principalmente, das redes familiares. “A rede forma um espaço social onde é tecida uma variabilidade de ações intersubjetivas, como relações de poder, conflito, consenso, força, dissenso e sentimentos de solidariedade e compaixão” (SANTOS, 2021, p. 73). São as redes, algumas transnacionais e transfronteiriças, que irão fornecer informações sobre a oferta de terras ou trabalho no Paraguai, sendo solidárias no processo de adaptação em outro país, influenciando e

---

oferecendo informações de trabalho, conforme aquelas que conduziram ao retorno, como veremos nos relatos a seguir.

### **“COMO FICOU A COISA MUITO FEIA, BATER DE PORTA E PORTA...”: EMIGRAÇÃO AO PARAGUAI**

Natural de Verê, município do sudoeste do estado do Paraná, Pedro, nascido em 1959, atualmente com 62 anos, filho de pequenos agricultores, desde criança vivenciou a migração. Com quatro para cinco anos, migrou para o município vizinho de Dois Vizinhos e, depois, para Chopinzinho, onde viveu até os 23 anos, trabalhando na lavoura da família. Nos três lugares em que morou, ele e sua família paterna se dedicavam à atividade agrícola. Com 23 anos, Pedro migrou para o município de São João, também no estado do Paraná, onde acabou conhecendo Ana, nossa entrevistada, com quem acabou se casando. Ana, atualmente com 61 anos, trabalhava no interior daquele município, na pequena propriedade de seus pais e, ao contrário de seu esposo, nunca havia migrado.

É importante mencionar que os municípios de origem e por onde passaram, se encontram na região do sudoeste do Paraná, estado que, durante o século XX, segundo Mondardo (2011), passou por uma dinâmica migratória que se diferencia da que ocorreu na maioria dos estados, tendo três períodos diferentes de desenvolvimento populacional. Sendo que nos três, o movimento migratório teve papel importante na conformação do território do estado.

Aqui nos interessa o segundo e terceiro períodos, que foram vivenciados pelos nossos entrevistados. No segundo período, de 1940 a 1970, houve um rápido e expressivo movimento migratório de rio-grandenses e catarinenses para o Paraná, havendo, nesse contexto, uma “ocupação e apropriação do território em um impressionante movimento de expansão territorial pela consolidação da fronteira agrícola sudoestina” (MONDARDO, 2011, p. 108). No terceiro momento, entre 1970 a 2000, com a modernização agrícola, em pouco tempo, o estado foi afetado por profundas transformações econômicas e sociais. O autor acrescenta, ainda, que a região

---

do sudoeste, como todo o estado do Paraná, num curto tempo, passa de receptor de populações a expulsar moradores, havendo intenso êxodo rural.

Entre 1970 e 2000, a inserção do Estado do Paraná no processo de modernização da agricultura, em que o agro se tornou subordinado ao industrial, impôs uma nova divisão social e territorial do trabalho ao Sudoeste paranaense, promovendo uma rápida e drástica diminuição populacional das áreas rurais, o que estimulou vigorosamente a urbanização e provocou a formação de imensas correntes emigratórias que transpuseram as fronteiras estaduais (MONDARDO, 2011, p. 103).

Nesse período, Pedro experiência o êxodo rural e a saída do estado do Paraná, em uma migração laboral temporária de alguns meses para São Paulo. Na sequência, migra com a esposa para o município de Porto União, SC, município fronteiriço com o paranaense, União da Vitória. Lá trabalha juntamente com a esposa em uma fábrica, desempenhando a função de marceneiro. Porém, a realidade enfrentada pelo entrevistado era de grandes dificuldades pelo aumento do desemprego, ocasionado, em grande parte, pela saída de muitas pessoas do campo devido ao processo de modernização agrícola.

Nesse meio tempo, este realizou vários cursos, tirou a carteira de caminhão, adquiriu várias habilidades e se utilizava dessas para garantir trabalho, mas isso tudo não trazia garantia de emprego. A seguir, Pedro nos dá uma ideia da realidade da fábrica em que trabalhava até perder o emprego, após a eleição do proprietário para prefeito do município.

Porto União e União da Vitória são duas cidades pegadas juntas. Eu trabalhava em Porto União [...] Eu era gerente da parte das máquinas, mas todo dia batendo gente lá para trabalhar por menos de um salário para experimentar o serviço, dava até dó. Daí a fábrica era do candidato à prefeito, ele se elegeu e resolveu fechar a fábrica. Nós votamos para ele mesmo fechar a fábrica. Ele disse que era muito para a cabeça dele [...]. E daí? As fábricas tudo assim, cheia de gente. Fiz curso de máquina de coisa para ver se arrumava emprego [...]. Não era fácil! [pausa]. Comer, você tem que comer todo dia, né? (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

No relato, percebemos a imensa procura por trabalho na fábrica em que Pedro trabalhava. Ao mesmo tempo, nota-se como o proprietário da fábrica detinha um poder nesse município e sob os seus funcionários, pois ao se candidatar e ser eleito como prefeito, teve o voto de seus funcionários, que foram abandonados após a eleição

---

devido ao fechamento da fábrica. Provavelmente, neste contexto, estes funcionários foram coagidos a votar neste para manterem os seus empregos. Caso que se assemelha a muitos ocorridos no interior do país, mas que se tornava ainda mais cruel pelo contexto político de ditadura militar (1964-1985) vivido no Brasil naquele período, pois dificultava a denúncia desses crimes.

A oferta de trabalho nessas pequenas cidades não acompanhava o ritmo da oferta de mão de obra. A baixa escolaridade desses trabalhadores que, em grande parte, saíam do campo, impedia ainda mais sua inserção no mercado de trabalho nas cidades, levando estes a realizarem outras migrações urbanas ou para outras fronteiras agrícolas no Brasil e países fronteiriços, como o Paraguai, caso de nossos entrevistados que emigraram em 1984.

É necessário contextualizar historicamente a conjuntura que está por trás da emigração de brasileiros ao Paraguai, da qual nossos entrevistados fazem parte. Na segunda metade do século XX, houve uma aproximação geopolítica entre Paraguai e Brasil, através de acordos e obras como a Usina Hidrelétrica de Itaipu. De forma articulada e em distintas fases, o Paraguai aderiu a uma política que favoreceu a entrada de imigrantes brasileiros a partir da década de 1950/1960, intensificando-se na década de 1970 e diminuindo um pouco na década de 1980 para a região oriental daquele país, com a finalidade de realizar uma modernização da agricultura. Imigrantes de diferentes perfis sociais, econômicos e culturais que, em grande parte, já haviam realizado várias migrações no interior do Brasil (ALBUQUERQUE, 2005).

Em meados da década de 1960, o sudeste e o Sul do Brasil, mais especificamente, o Rio Grande do Sul, passariam por um processo de modernização agrícola que trouxe um desenvolvimento econômico. Porém, ao mesmo tempo, dificultou a permanência do pequeno agricultor no campo, que já vinha, em sua maioria, de um contexto de fracionamento das pequenas propriedades, que ou realizará um êxodo rural ou partirá para outras fronteiras agrícolas. Além disso, essa nova realidade levou a uma alta valorização das terras ainda disponíveis e, conseqüentemente, a um aumento da concentração destas terras nas mãos de grandes proprietários (SALES, 1996; SILVA, 2007).

---

O mesmo processo de modernização no campo se intensifica no estado do Paraná, o que levará a uma migração de pequenos, médios e proprietários de terras e trabalhadores do campo, como boias-frias e arrendatários para o Paraguai. Conforme Baller e Mondardo (2019, p. 49), o maior grupo foi de emigrantes que partiram para o país vizinho era do Paraná, o que aponta “o lado expansionista e também perverso da modernização da agricultura difundido, concreta e abstratamente, sob a égide do projeto econômico e político do governo militar”.

Nesse contexto, sem muitas perspectivas de situações melhores no Brasil, Pedro é influenciado pelas conversas dos cunhados sobre a oferta de terras no Paraguai e emigra para aquele país.

Como ficou a coisa muito feia, bater de porta em porta. Não tinha mais serviço. Muita gente desempregada [...]. Daí os parentes [falavam]: “Não, lá no Paraguai é bom” [...]. Uns parentes de lá vieram antes, do lado dela[esposa] [...]. Nós éramos agricultores, que ali a terra era boa, mato. Vamos tentar a vida para lá já que não tem emprego, todo mundo desempregado lá [...]. Daí resolvemos de ir ao Paraguai, que era mais fácil, diz que [...]. Eu vim sem conhecer. Eu vim de mala e cuia (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

O entrevistado lembra-se de ser questionado pelas pessoas do porque ter ido ao Paraguai, o qual teria respondido que não havia alternativa. A questão da economia acaba motivando a saída da família do Brasil. Pedro, em sua fala, legitima a sua decisão, afirmando que “Nós éramos agricultores”, ou seja, possuía uma identidade com a agricultura, logo, teriam oportunidades no Paraguai. Outro elemento que aparece em sua fala está ligado à presença de familiares da esposa já no país de destino, que, ao retornarem ao Brasil para passeio, contavam coisas positivas sobre o país vizinho, o que teria motivado a emigração do casal. Observa-se, nessa situação, a atuação de uma rede familiar.

As propagandas realizadas em meios de comunicação, por colonizadoras, redes parentais e sociais, entre outros meios, alimentaram uma “febre pela emigração” para o país vizinho, em busca de terras ou trabalho no campo. Diante disso, as redes familiares e sociais, constituídas por vizinhos conhecidos, influenciaram muito na emigração de brasileiros ao Paraguai. Em se tratando das redes familiares, estas, para os futuros

---

emigrantes, possuem uma credibilidade maior e acabam influenciando ainda mais na ida.

Motivado por esta rede, o casal emigrou para Naranjito, distrito do Departamento de Itapúa, e acabou trabalhando como arrendatário na abertura de terras, em uma região de grande presença de mata. Porém, pelas poucas condições econômicas, permaneceu em uma situação precária e na provisoriedade.

Lá até, na verdade, para falar, nem era arrendado. Davam a terra para você derrubar e plantar, dois, três anos sem renda, sem nada. Depois de dois, três anos, depende o trato, eles queriam a terra para mecanizar. Daí você entrava no mato de novo [...]. Você via as coisas baratas, terra muito bonita, barata, mas tu não tinha condição de dar entrada [...]. Você via que o futuro estava ali [...] tem muitos que foram com qualquer pouquinho e hoje estão apoderados, mas [eu] não tinha arranque (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

O casal em Naranjito trabalhava como “amansadores de terras”, realizando o serviço mais pesado. O acordo realizado com os proprietários das terras era temporário, como afirma o entrevistado, por um tempo de dois a três anos, ou o tempo necessário para transformar a área de mata em terra para a prática da agricultura mecanizada, que requeria cada vez menos pessoas no plantio e na colheita. Pedro percebe o quanto este processo era excludente e desigual, pois o fato de não possuir recursos financeiros fez com que este tivesse que vender a sua força de trabalho e seguir buscando onde estivesse disponível.

Nessa provisoriedade, a família de Pedro foi vivendo e trabalhando por alguns anos na abertura de terras. Sobre a provisoriedade do imigrante, Sayad afirma que “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinitivamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade”. Porém, “insiste-se com razão na tendência atual que os imigrantes possuem de se ‘instalar’ de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes” (SAYAD, 1998, p. 45), a qual passa de provisória à definitiva.

Em seu relato, o mesmo expõe, com muita ênfase, algumas dificuldades encontradas naquele país, o que percebemos ser muito comum em várias entrevistas realizadas com imigrantes estabelecidos no Paraguai e com retornados que relatam

---

memórias de heroísmo pela superação das dificuldades encontradas. Entretanto, é importante lembrar que, ao optar pelo Paraguai, parte dos imigrantes brasileiros sabiam das dificuldades que iriam encontrar ao emigrar para aquele país que, em comparação com o Brasil, era mais pobre. Diante disso, aproveitamos para indagar o entrevistado se este estava ciente das dificuldades que encontraria, o qual nos responde da seguinte forma:

A gente não pensava que fosse tão difícil como foi difícil, porque a gente entrou muito fraco [...]. Eu não levei mudança e não levei nada. A minha mudança foi dentro do carro, um colchãozinho. A primeira casinha que eu fiz [ficava] 2 km dentro do mato [...]. Eu tinha que sair às vezes comprar alguma coisa. Se chovia, tu não voltava, só se voltava a pé. Eram 30 km até Raul Peña [...]. Eu ia comprar uma barra sabão e um kg de sal, que o dinheiro dava só para isso, eu gastava meio dia a pé para ir e voltar. Cansei de chegar e estar o feijão ali cozido, faltava [só] o sal. Eu tinha que buscar. Lá você via as outras coisas e não podia comprar (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

Pedro reforça, mais uma vez, as dificuldades enfrentadas pelas poucas condições econômicas. Como estava desempregado, não houve uma preparação para a emigração. Mesmo tendo referências familiares no lugar em que se estabeleceram, as necessidades levaram a que estes fizessem uma emigração às pressas, o que ocasionou uma situação ainda maior de precariedade e vulnerabilidade da família. Essa condição também tornou difícil o contato com familiares que não haviam emigrado, pois estes somente puderam retornar ao Brasil para visitar os seus, isso seis anos depois da emigração ao Paraguai.

Nos primeiros tempos, em terras paraguaias, o casal encontrou a ajuda de um familiar paraguaio que instruiu Pedro nas leis do Paraguai pelo fato de ser nacional e conhecer as línguas.

Desde o começo, quando eu cheguei lá, quem me deu a mão e ajudou bastante já era um primo paraguaio casado com uma prima. Quando eu cheguei lá, não sabia falar nada em castelhano, nada, nada [...]. Ele ensinava tudo e explicava. Ele era um cara muito bom. Ele tinha um mercadinho, mas bem pequenininho, umas coisinhas lá para vender. Ele sempre falava, organizava nós aqui e ali. Naquele tempo era ditadura. Nós tínhamos um medo, medo dessa ditadura (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

A possibilidade de poder contar com a presença de um familiar paraguaio possibilita a inserção e o acesso a informações fundamentais sobre o país de destino. Denota-se que, mesmo sem muitas condições financeiras, Pedro possuía um capital

---

social, constituído pela rede familiar que ajudou na fixação e integração com o novo espaço social.

Em seu relato, o mesmo faz menção à ditadura militar do Paraguai. Momento, para este, de “medo” intenso, conforme se constata na repetição desta palavra em sua fala. O entrevistado acredita que, neste contexto, teve “sorte” por ter a simpatia à amizade com alguns paraguaios apoiadores do regime e, por isso, em nenhum momento foi importunado.

Nós não entendíamos a lei, só que nós não andávamos fora da lei, só que eles faziam a lei. A ditadura militar, eles faziam a lei, se eles falassem que essa mesa era de ferro, era de ferro. Se falassem que era de pau, era de pau. Não adianta você dizer que era diferente, porque não era, apanhava. Depois, quando “*cambiar*”, aí já melhorou um pouco (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

A ditadura militar de Alfredo Stroessner teve a duração de 35 anos, entre 1954 a 1989. Este último ano da ditadura foi quando, para Pedro, “*cambiar*” e as coisas melhoraram, sendo possível recorrer e buscar a defesa. Porém, os “câmbios” ou mudanças no período de redemocratização não foram de todo melhores. Houveram muitas permanências ainda com o antigo regime, como a manutenção do mesmo partido político no governo do país.

O longo período de ditadura foi de grande vigilância e violência institucionalizada. Basta ver pelos números. Segundo Rodríguez, os Arquivos do Terror possuem o registro de em torno de 10.000 vítimas, o que não representa o número total. Logo que a investigação começou a se desenvolver, duplicaram-se os dados de vítimas que chegam a 20.000 (CVJ, I, 48). É necessário somar as vítimas indiretas que foram muito mais numerosas que as diretas. Com isso, chega-se ao número de 128.000 vítimas, em um período em que a população paraguaia representava a cifra de um milhão e meio de pessoas (RODRÍGUEZ, 2014, p.13).

Em sua fala, o entrevistado destaca o autoritarismo e a intransigência das autoridades, em especial, dos responsáveis pela segurança. Em outro momento da entrevista, nos relata a prisão e a violência praticada para com um imigrante brasileiro que havia cometido um pequeno delito. Esse receio e medo para com aqueles que

---

“faziam a lei”, lembrava Pedro de sua condição de imigrante, estrangeiro e de sua provisoriamente naquele país.

É interessante correlacionar esse relato de Pedro sobre a ditadura com o de outros imigrantes entrevistados em pesquisas anteriores. Para uma pequena parcela, o período era visto como de muita insegurança e violência; já para outro grupo, principalmente, de origem alemã, a ditadura foi “favorável”. O que nos leva a deduzir que nem todos os imigrantes eram bem aceitos pelo regime político vigente e que havia uma política de seleção de perfis de imigrantes conforme os interesses político-econômicos.

A família, agora acrescida com a presença de três filhos, vivencia outro processo migratório, agora para Curuguyti, no Departamento de Canindeyú, onde adquiriu terras que mantém ainda hoje.

Para quem entra muito fraco no mato, também é difícil. Daí fomos remando, fomos indo, até que depois veio mecanizado, mas não conseguimos comprar terra. Conseguimos um pedacinho lá, mas bem pequeno [...]. Daí fomos dois anos muito mal, com seca. Seca de 42 dias de sol. Daí ficamos outra vez de arrasto (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

Vale ressaltar que a presença brasileira no Paraguai na atividade agrícola é bastante desigual. No mesmo contexto em que o agronegócio – movido, em grande parte, por imigrantes brasileiros e seus descendentes – transformou a região leste do país em uma das mais ricas e desenvolvidas, vemos que muitos imigrantes brasileiros, paraguaios e indígenas ficaram às margens desse processo que, por sua vez, trouxeram uma série de impactos negativos ao meio ambiente. As dificuldades econômicas se somam com as alterações climáticas e acabaram levando a família novamente a outro processo migratório em busca de trabalho, desta vez para o distrito de Santa Rita, no Departamento de Alto Paraná e, após oito anos, com retorno para o Brasil.

### **“DAÍ VIEMOS PRA CÁ, PORQUE JÁ SOMOS BRASILEIROS”: RETORNO PARA O BRASIL**

No relato do casal, ao seu modo, cada um vai trazendo fatos distintos, mas vivenciados conjuntamente, que vão se complementando, nos dando uma ideia da trajetória migratória experienciada por ambos. A partir desse tópico, as informações

---

que seguem nos são trazidas, na grande maioria, por Ana. Somente no fim do tópico trazemos fragmentos da fala de Pedro.

Durante o tempo em que viveu no Paraguai, o casal conseguiu adquirir as suas próprias terras, mas acabaram vendendo e comprando alguns hectares no distrito de Curuguaity, no Departamento de Canindeyú, onde viveram por três anos. Devido às dificuldades, principalmente climáticas, tiveram que partir em busca de trabalho e deixar as terras sob o cuidado de um dos filhos.

O casal passa a trabalhar como empregados em uma chácara de um brasileiro na localidade de Cerro Largo, no distrito de Santa Rita, Departamento de Alto Paraná. Estes permanecem nesta função por oito anos, quando decidem retornar para o Brasil. Questionamos nossa entrevistada quanto à motivação para a volta e esta assim nos responde:

Porque já temos um pouco de idade [...]. Porque aqui no Brasil muita gente volta lá, do Paraguai, porque lá, problema de doença você não tem ajuda nenhuma. Você fica idoso, não tem ajuda nenhuma. Como que tu vai viver? E a vida é boa para quem tem dinheiro lá [Paraguai], para quem não tem, é bastante complicado. Daí viemos para cá, porque já somos brasileiros. Trabalhamos, eu trabalhei até 25 anos no Brasil, depois fui para o Paraguai. Para tentar uma ajuda aqui (Ana, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

O que motiva o retorno do casal para o Brasil é a busca por trabalho, pelos serviços públicos ligados à saúde e à previdência social, por estarem já com certa idade que impede a realização de trabalhos mais pesados e necessitarem de um atendimento de saúde gratuito, algo que não seria possível para estes imigrantes brasileiros e pobres no Paraguai. Em sua fala, Ana afirma que a vida somente “é boa para quem tem dinheiro” no Paraguai, pois, conseguem arcar com as despesas ligadas à saúde; que presta grande parte de seus serviços de forma particular; e que também podem ter uma velhice com conforto no país de destino.

Nota-se que quando esta nos diz “somos brasileiros”, a identidade nacional é aqui utilizada como justificativa para a emigração e a busca de seus direitos. Em outro momento, ao dizer “trabalhei até 25 anos no Brasil” percebe-se, também, que Ana busca legitimar o seu direito à aposentadoria, pois este tempo de trabalho poderá contribuir para que esta consiga este benefício. Até o momento da entrevista, como se

---

passaram somente dois meses que estavam no Brasil, no novo trabalho a entrevistada nos relatou que apenas haviam conseguido o cartão do SUS, necessário para consultas médicas ou outros serviços na área da saúde. Quanto à previdência social, o casal ainda precisava ir atrás dos trâmites necessários.

Quanto à questão da saúde, a entrevistada afirma que os municípios da região fronteiriça são muito procurados por imigrantes brasileiros que possuem a mesma faixa etária que Ana e o esposo, algo que aparece como a grande motivação para o retorno de muitos entrevistados em nossas pesquisas na fronteira. Ou seja, os migrantes envelhecem e, com isso, acabam necessitando de mais serviços ligados à questão da saúde, o que torna inviável a presença no país de destino, de quem tem poucos recursos financeiros.

Quanto à saúde pública do Paraguai, esta não conta com um sistema universal de atendimento como o SUS brasileiro. Soma-se a isso a longa política econômica neoliberal do Paraguai que, segundo Canese (2018), se tornou mais profunda no período do governo de Horacio Cartez (2013-2018), que realizou privatizações e o congelamento de gastos públicos sociais, o que levou a uma situação drástica para a saúde e educação, com enormes cortes de recursos que ocasionaram a falta, inclusive, de medicamentos e insumos (CANESE, 2018).

Já o governo do atual presidente Mario Abdo Benitez (2018 - atualmente) ficou marcado, segundo o jornal *La Nación* (2022), por uma série de irregularidades, inoperâncias e escândalos de corrupção no serviço público de saúde, no enfrentamento da pandemia da Covid-19. Como afirma Carmo (2021), em sua reportagem pelo jornal *BBC Brasil*, tais aspectos levaram a um colapso da saúde pública do Paraguai, acentuando ainda mais a precariedade do serviço público paraguaio.

Em estudo com imigrantes brasileiros na fronteira, Marques (2009) identifica que as principais justificativas para a busca por serviços públicos no Brasil estão na precariedade do sistema público do país vizinho, no atendimento médico gratuito no país de origem, em ter somente documentos brasileiros e não paraguaios e no fato de alguns se sentirem melhores e bem tratados no Brasil. Em nossas entrevistas uma justificativa que surgiu, que motiva o retorno em busca desse serviço e não somente a

---

consulta no Brasil é o fato de que, com isso, se evita os engarrafamentos da Ponte da Amizade, bastante frequentes e que dificultam com que os pacientes estejam no horário marcado no consultório.

Lá [Paraguai] ficou uma pessoa de idade, vem para cá [Brasil] [...]. Aqui é mais fácil as coisas para pessoa de idade, porque, não sei se tu sabe, lá mesmo, ficou uma pessoa de idade doente, vem para Foz do Iguaçu, Cascavel. Dessa região mesmo, de Alto Paraná. E lá é muito caro e só na base do dinheiro (Ana, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

É necessário enfatizar o papel das redes sociais e familiares e de estratégias utilizadas por estes imigrantes nestes retornos. “Táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais” (SANTOS, 2021, p. 55). Seu retorno, além das motivações ligadas à busca por direitos próprios de uma cidadã brasileira, é motivado pelo fato de todos os seus irmãos e irmãs que haviam emigrado ao Paraguai, já terem retornado ao Brasil. Ou seja, Ana já não tinha mais vínculos familiares além de seus filhos e esposo no Paraguai.

No caso de Ana, o desejo de retornar para o Brasil era algo que já vinha de tempo, como esta expressa em um momento de sua entrevista. É importante ter presente que o retorno, como afirma Sayad (2000), é um elemento constitutivo da condição do imigrante, pois se faz presente no projeto migratório desses sujeitos. Por vezes, este desejo se mantém e leva um retorno, como no caso que analisamos. Já por vezes, esse desejo de retornar também pode ser desfeito na medida em que o imigrante consegue assimilar e se integrar à nova realidade.

Sobre a decisão de retornar para o Brasil, questionamos Ana para saber de quem foi a iniciativa, se dela ou do esposo. E esta nos afirma que a decisão “foi mais minha, daí ele concordou. Ele não queria vir para o Brasil, porque falou: Como que eu vou me acostumar na cidade? Ele não se acostuma. Eu também era um pouco difícil” (Ana, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

O marido de Ana, no entanto, resiste e não aceita, pois acredita que não iria se acostumar a viver na cidade depois ter vivido boa parte da vida no campo. Algo que para

---

a nossa entrevistada também seria difícil, mas, como ela nota, seria necessário pelas necessidades destes. A oposição do marido é apresentada por Ana da seguinte forma:

“Como eu vou me acostumar a morar na cidade? Tu vai para lá”, porque eu tenho uma neta que eu crio, desde pequena ela está junto comigo. “Fica você e a Gabi lá. Arruma qualquer servicinho, se tu conseguir na cidade”, mas também fica difícil aqui. E ele ia lá para cima onde nós temos a terra lá. Daí cada pouco eu venho ali ver vocês. Daí como vai ficar? Tu quase 40 anos de casados, um para lá e outro para cá? (Ana, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

A proposta de Pedro para a esposa de viver no Paraguai e visitar frequentemente Ana, colocaria em questão a continuidade do casamento dos dois, algo que Ana não queria. Além disso, nossa entrevistada percebe que seria muito difícil para ela conseguir um trabalho com pouco estudo, já com certa idade e em um município pequeno com poucas ofertas de emprego. Nesse meio tempo em que o casal planejava a volta, Ana realiza uma visita para o único filho que residia no Brasil e que desejava o retorno dos pais. Visita que mudaria os planos do casal:

Eu tenho um filho meu que está morando em Matelândia. Ele trabalha com senhor que mexe com leite. Eu vim ficar uns dias na casa deles. Daí justo, acho que por Deus sei lá o que, apareceu essa chance para nós. Daí eu liguei para ele, ele veio, olhou e gostou: “Não, aqui eu fico”. Parece que tudo deu certo para estar nos três aqui, juntos de novo. Juntou a minha neta, porque a mãe dela mora aqui em Santa Terezinha [de Itaipu] (Ana, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

É necessário ter presente a atuação da mulher dentro dos processos migratórios, pois por muito tempo as mulheres (mães, esposas, filhas, irmãs) foram tidas pela historiografia como apenas acompanhantes, tendo as suas ações invisibilizadas. Dessa forma, o movimento migratório era visto como masculino, “uma vez que aos homens se atribuiu a responsabilidade e a decisão pelo ato migratório” (OSMAN, 2011, p. 116). Aqui, ao contrário desta visão, vemos a mulher tomando a iniciativa e tendo papel decisivo no retorno.

Outro elemento que teve influência para o retorno foi a presença de um filho no município fronteiro de Matelândia, que já havia conversado com os pais e insistido que, pela idade avançada deles, a volta seria a melhor decisão. Aqui podemos pensar também no papel dos filhos dos imigrantes no retorno dos pais ou na permanência no

---

lugar de destino, pois como percebe Siqueira (2009), em sua pesquisa com imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, o retorno é um projeto dos pais, que pode ou não ser aceito pelos filhos. Entre estes, existem aqueles que permanecem no país de destino dos pais, existem aqueles que emigram junto com os pais, ou antes, a proximidade com a fronteira possibilita uma mobilidade constante também entre a segunda geração de filhos de imigrantes brasileiros.

O casal permaneceu por 38 anos no Paraguai. Atualmente, Pedro vai ao Paraguai a cada 40 dias para visitar os filhos e atender a propriedade que possui em Curuguaity, no Departamento de Canindeyú. A ideia de retornar para o município de Santa Terezinha de Itaipu está principalmente ligada ao fato deste ficar perto do Paraguai. As idas e vindas levam à manutenção dos laços dessa família transnacional e aos vínculos afetivos com os amigos. “Conhecimento era muito grande. Conhecia todo mundo” (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, mai. 2022). E, com certeza, faz bastante sentido nesse processo de adaptação que Pedro e Ana têm experienciado nesses primeiros meses no Brasil.

Porém, essas idas e vindas entre os dois países não são isentas de dificuldade. A dificuldade apontada pelo entrevistado para transitar naquele país está ligada à fiscalização nas estradas paraguaias em região de fronteira. “Você vai com um carro, você tem que estar direto com os documentos [...]. Eles procuram uma coisinha que você está errado lá para te cobrar alguma coisa” (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022). As multas e cobranças de propina, da parte da polícia rodoviária paraguaia, são constantemente denunciadas pelos brasileiros. Outra dificuldade enfrentada por Pedro é a documentação, problema comum a muitos imigrantes naquele país. Este afirma que:

Documento [para] brasileiro é caro. Hoje eles querem a imigrante e a identidade, a imigrante sai ₡ 7.000.000,00 milhão de guarani. E a identidade como paraguaio sai ₡ 8, ₡ 10 mil. Eu demorei três anos até conseguir a minha identidade. Às vezes inventavam as livretas, tinha que fazer (Pedro, Santa Terezinha de Itaipu, maio de 2022).

Como Albuquerque (2014, p. 12) constata em pesquisa com imigrantes brasileiros: “a cidadania nacional é instituidora de fronteiras entre o cidadão e o estrangeiro. Ela expressa dispositivos de inclusão e exclusão territoriais marcados por

---

lugares de nascimento e moradia e pela existência ou ausência de documentos pessoais”. Devido aos altos custos e incerteza quanto à expedição dos documentos, apenas Pedro tinha documentos e Ana não, prática comum entre os imigrantes, pois em relatos, várias mulheres afirmam que não tinham documentos paraguaios.

Quanto aos filhos, todos possuem identidade e nacionalidade paraguaia, mesmo o mais velho, que era nascido no Brasil, mas que para poder estudar no Paraguai foi novamente registrado no país de destino dos pais. A fim de evitar que suas terras fossem questionadas e perdidas, este utilizou da estratégia de passar a sua propriedade para o nome da filha, que nasceu em território paraguaio, prática também comum entre alguns imigrantes. Estas estratégias adotadas pelo casal demonstram como estes vão se inserindo e negociando direitos nesse espaço fronteiriço nos dois países.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que a fronteira possibilita a manutenção de vínculos econômicos e afetivos transnacionais e transfronteiriços com o antigo país de destino pela proximidade e existência de uma rede familiar, aqui representada pelos filhos, que tornam a ida e volta entre os países algo mais fácil. Quanto às redes, estas estão presentes na emigração para o Paraguai, na inserção naquele país e no retorno, ou seja, em grande parte das migrações do casal.

Origem e destino são vistos como parte do mesmo processo, um *continuum* para esses migrantes, em que a relação entre trabalho e migração é uma constante em toda a trajetória migratória dos entrevistados. No retorno, soma-se a busca por direitos próprios a todos os brasileiros, como saúde e aposentadoria, necessidade que motiva muitos retornos de brasileiros já em uma idade mais avançada.

É importante dizer que as entrevistas com o casal não foram realizadas com os dois juntos, mas estas tiveram como base praticamente as mesmas questões, apesar de que os dois trouxeram memórias de diferentes fatos. Pedro nos falou das migrações no interior do Brasil, dificuldades no trabalho tanto no Brasil como no Paraguai e no vínculo com a terra do Paraguai. Já Ana centrou o seu relato no retorno, família e na busca por

---

direitos, como saúde e aposentadoria no Brasil, o que denota como acontece a construção da memória sobre os fatos vividos.

É interessante perceber como o contexto histórico é apresentado pelo casal. Estes não limitam sua fala às suas experiências, mas compreendem suas vivências dentro de um contexto de desemprego no Brasil, ditadura militar no Paraguai, questões econômicas que dificultam a permanência no Paraguai e busca por direitos próprios aos cidadãos brasileiros. Dentro disso, percebe-se a utilização de estratégias que legitimam a migração, como a identidade aqui é acionada, também, pelo casal para justificar a emigração ao Paraguai e o retorno, e para assegurar a terra após o retorno e direitos, com saúde e aposentadoria no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Migrações em territórios fronteiriços: a experiência cotidiana entre legislações nacionais, fronteiriças e regionais. **Anais... 38º Encontro Anual da Anpocs. GT23 - Migrações internacionais: legislações, estados e atores sociais**. Caxambu, MG, 27 a 31 de outubro de 2014.

BALLER, Leandro; MONDARDO, Marcos. A luta pela terra na fronteira do Paraguai com o Brasil ao longo século XX e início do XXI: migrações, conflitos, brasiguaios e carperos. **Estudios Paraguayos**, v. 37, n. 2, p. 37-67, dez. 2019.

CANESE, Ricardo. Paraguay: la peligrosa restauración neoliberal. *In*: VILLAGRA, Luis Rojas(coord.). **Neoliberalismo en América Latina**. Crisis, tendencias y alternativas. Asunción: Clacso, 2018. p. 241-259.

CARMO, Marcia. Covid-19: o colapso de saúde que levou multidões às ruas e ameaça presidente do Paraguai. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56327481>. Acesso em 21 de outubro de 2022.

---

DURAND, Jorge. Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del proceso. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 14, n. 26/27, p. 167-189, 2006.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs). **Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração**. – São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016. p.32 -52.

La Nación. Corrupción, inoperancia y muertes marcaron la gestión de Marito durante la pandemia. Disponível em: <https://www.lanacion.com.py/politica/2022/07/20/corrupcion-inoperancia-y-muertes-marcaron-la-gestion-de-marito-durante-la-pandemia/>. Acesso em 21 de outubro de 2022.

MARQUES, Denise Helena França. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil: o estudo de caso dos “brasiguaios”**. 2009. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MENESES, Ulpino T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Rev. Ins. Est.Bras.**, SP, 34: p.9-24, 1992.

MONDARDO, Marcos. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região Sudoeste ao longo do século XX. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 28, n. 1, p. 103-131, jan./jun. 2011.

OSMAN, Samira Adel. Mulheres árabes e a participação econômica no processo migratório entre Brasil e Líbano. **Mandrágora**, v.17. n. 17, 2011, p. 115-133.

RODRIGUEZ, José Carlos. **Dictadura y Sociedad Civil (1954 - 1989)**. Asunción: El Lector; ABC Color, 2014.

SALES, Teresa. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 1, n. 13, p. 87-98, mar. 1996.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 53-80.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno, elemento constitutivo do migrante. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, p. 7-10, jan. 2000.

---

SILVA, Henrique Manoel. **Fronteiriços**: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio. A região de Katueté, no Departamento de Canindeyú 1970-2000. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**: Brasil-Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

---

**Vanucia Gnoatto** – Licenciada e Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo. Doutoranda em História Regional pela Universidade de Passo Fundo, RS. Professora da rede estadual do Rio Grande do Sul.

---

Recebido para publicação em 22 de novembro de 2022.

Aceito para publicação em 30 de novembro de 2022.

Publicado em 05 de março de 2023.